

A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAPEX» — TELEF. 026 256 — MONTIJO

Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional, prometeu que na devida oportunidade seria tomado em consideração o pedido da

CRIAÇÃO DA ESCOLA TÉCNICA DE MONTIJO

Na p. p. 5.ª feira, foram recebidos por Sua Excelência o Sr. Ministro de Educação Nacional Prof. Eng. Leite Pinto os representantes de Montijo que, acompanhados do Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, Ilustre Governador Civil do Distrito e dos Deputados pelo Círculo Srs. Dr. João do Amaral e Eng.º Calheiros Lopes, foram solicitar do Governo a criação de uma Escola Comercial e Industrial em Montijo.

Solidarizando-se com o nosso pedido e acarinhando a nossa pretensão, estiveram também presentes os Srs.

Eng. Rui Vinagre e José de Sousa Costa, respectivamente Presidentes das Câmaras Municipais de Alcochete e Moita do Ribatejo.

A numerosa Comissão de Montijo era constituída pelo Presidente, Vice-presidente e vereadores da Câmara Municipal e representantes da União Nacional, Comissão Pró-Escola Técnica, Santa Casa da Misericórdia, Orfanato, Asilo de S. José, Bombeiros Voluntários, Ateneu Popular, Banda 2 de Janeiro, Clube Desportivo, Filarmónica 1.º de Dezembro, juntas de freguesia, Comissão Mu-

nicipal de Assistência, Grémios do Comércio e da Lavoura, Sindicatos dos Corticeiros, Descarregadores de Mar e Terra e Profissionais de Chacinaria, Cooperativa União Piscatória e jornais «A Província» e «Gazeta do Sul».

O Presidente da Câmara Municipal de Montijo, Sr. José da Silva Leite, leu a exposição que noutro local publicamos na íntegra, tendo Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional prometido que na devida oportunidade seria tomado em conta o pedido agora

feito mas que, antes disso, havia de atender-se às necessidades de outras localidades com maior número de crianças habilitadas com o exame de instrução primária. Quanto à oferta por parte da Câmara Municipal de um edifício a adaptar para escola técnica, declarou que era sempre preferível fazer uma construção nova e, por isso, desejava antes que o Município desse o terreno e indicasse qual a sua comparticipação. Chamava no entanto a atenção da vereação para o problema das escolas primárias, visto verificar-se oficialmente que o Montijo carece ainda de cem salas de aula. Sugeriu, por conseguinte, que o edifício oferecido para ser adaptado a escola técnica fosse destinado à instalação de escolas primárias, que ali são tão precisas.

(Continua na página 4)

Divagando sobre

Toponímico

pelo Prof. José Manuel Landeiro

Os artigos, subordinados ao tema «Toponímia» que temos vindo a escrever para «A Província», não constituem, de maneira alguma, a menor acintese. Com eles, pretendemos somente defender uma causa de que os etnógrafos e certas associações literárias se tem ocupado.

Já o senhor P.º Francisco Manuel Alves — o imortal Abade de Baçal — que ocupou uma das cadeiras na Academia de Ciências de Lisboa, faz referências ao assunto de mudanças dos nomes às ruas no Tomo VI, Pág. 347 das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», para no Tomo IX, a páginas 124, da mesma obra, continuar a dizer: «No Tomo VI, pag. 374 desta obra clamamos contra a estupidez significada pela mudança

(Continua na página 4)

A Serventia do Moinho

Quando passeávamos para os lados da marinha do senhor José Leite, o António Henriques, que me acompanhava na deambulação, disse logo:

— Vê além aquela casa, na ponta deste muro? E' um moinho.

Duvidei. Mas ele, que fora moleiro nas paragens natais de Santarém, lá sabia.

Caminhávamos em passo lento, na tarde majestosa desse dia de Inverno, a esmaecer nos tons lívidos da agonia solar. Esta zona ribeirinha do Montijo tem uma beleza particular, mórmente quando a esmaltam de alegorias saudosas, os

vermelhos da apoteose crepuscular.

Quadriculados por muros largos de terra batida, acantonam-se marinhas, caldeiras e esteiros, cujas águas

Pelo

Dr. Cabral Adão

quietas, nesta coincidência da maré cheia, reflectem os fulvos rumores do céu, perante a despedida de mais um dia de Dezembro, sempre custosa e prolongada.

Nós fôramos ao Montijo passear. Da Avenida Nuno Álvares Pereira inflectimos para a esquerda ladeando o edifício da escola Conde de Ferreira, atravessando o largo da rectaguarda e ganhando as marinhas. Belo passeio foi esse!

Pelo muro radiante, galgando os cabos que se atravessam no caminho, das amarrações dos barcos que repousam no esteiro da esquerda, lá chegámos à porta do moinho, em cuja padieira uma cruz de São Tiago deve atestar a primeira entidade proprietária. Essa porta estava aberta e nós chamámos, para a meia obscuridade do interior:

— Dá licença, ó moleiro?!
— Entre. Pode entrar a vontade — respondeu uma voz sumida.

(Continua na página 5)

Concurso de Prognósticos

Leia notícias na
Página 6

PATRIMÓNIO IMORTAL

A exposição de Arte Portuguesa, na Royal Academy, de Londres, inaugurada pelo Senhor Presidente da República, quando da sua recente visita a Inglaterra, constituiu um êxito a que a imprensa e a rádio deram já o devido relevo.

Tal exposição abrangia toda a história da nação portuguesa, desde os princípios da sua nacionalidade até quase os fins do século XIX, Para reunir e documentar

aquilo que se reputava digno de figurar na referida exposição, ouve que estudar e coleccionar os inúmeros espécimes espalhados pelo país havendo até alguns—

POR

ÁLVARO PEREIRA

como duas preciosas tapeçarias focando a acção dos portugueses no Oriente, cedidas gentilmente pelo Museu de Viena — que se encontravam no estrangeiro.

O tempo que a comissão organizadora dispunha para tal feito era demasiado curto.

Mas todos os trabalhos e sacrifícios foram corajosamente suportados pelos membros da mesma comissão, na certeza de que dos seus esforços algo de novo se estava escrevendo na História da Arte Portuguesa.

Para se fazer ideia do volume da exposição e da sua grandiosidade basta dizer que ela abrange oito salas da Royal Academy, havendo algumas até, como aquela que documenta todo o período áureo da era Manue-

(Continua na página 7)

A Ligação do Norte com o Sul

(Continuação do número anterior)

Tendo, pois, em vista todas estas considerações, pode afirmar-se que o custo da ponte do Tejo não excederá 2.500.000\$000 réis, e, contando com 500\$00 réis para a construção das avenidas da ponte e do resto do ramal, teremos que a ligação do Pinhal Novo com Lisboa importará, no máximo, em 3.000.000\$000 réis.

Quando os 1.500 quilómetros de que, pelo menos, se se comporá a rede do Sul,

estiverem construídos, o custo da ponte do Tejo, distribuído por eles, elevará o preço quilométrico somente em 1.666\$000 réis, o que deixará ainda a rede mais barata que a de qualquer outra zona do País, pois, em média, têm custado pouco menos de 20.000\$000 réis por quilómetro.

A muitos parecerá impossível empreender-se semelhante obra, pela grande quantia em que importará;

mas um estudo consciencioso da questão demonstra que esta construção está longe de assustar, e que até se poderia levar a efeito desde já. Para o provar é suficiente dizer que o rendimento total da rede do Sul, em 1877, foi de 428.000\$000 réis. Evidentemente, pois, ficariam líquidos 232.000\$000 réis.

Em 1878 o rendimento total diminuiu, como, em

(Continua na página 2)

TEATRO - CINEMA



«O Barbeiro de Sevilha» na «Comédie Française», com Micheline Bandet e Jean Piat.

VIDA
PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 45
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — SetúbalRepresentante em MONTIJO
Abel Justiniano Ventura

Montijo dia a dia

A Ligação do Norte com o Sul

(Continuação da primeira página)

geral, em todos os caminhos de ferro, não só de Portugal mas da Europa, em consequência da grave crise comercial e industrial que temos atravessado; ainda assim, foi de 407:000\$000 réis, mas, tendo a despesa sido menor do que no ano anterior, o rendimento líquido foi sensivelmente o mesmo.

Tendo presente que o ramal de ligação e a ponte do Tejo levarão uns cinco anos a construir, o que dá uma despesa anual média de 600:000\$000 réis; que este capital obtido por meio de obrigações a 7% de juro e amortização obrigatória, quando se fizer a última emissão, a dispender 210:000\$000 réis, porque só depois dela deverá começar a amortização, e em cada ano diminuição, sucessivamente, os encargos e aumentará o rendimento, não só o da rede, mas também o da estrada ordinária, construída no tabuleiro superior da ponte, no qual deve haver um imposto de trânsito, é evidente que, mesmo ao presente, a rede do Sul tem rendimento suficiente para construir desde já a ponte do Tejo, e com muito mais razão terá quando os seus complementos e ligações estiverem concluídos.

Mas qual será a época provável em que deva construir-se obra tão grandiosa e de natureza própria para satisfazer o orgulho nacional?

Isto foi escrito há 78 anos, por Miguel Pais, o que demonstra bem quanto, quase sempre, se torna difícil tornar os sonhos em realidade. Contudo, a realização desta obra teria dado ao País e, sobretudo, à região compreendida em grande parte dos concelhos do Montijo, Moita e Alcochete, um valor económico incalculável!

Como dizemos antes, é, ao que parece, intenção do governo construir, primeiro, a ponte Lisboa-Almada, para assim servir os interesses de uma população enorme que habita aquele Concelho e que diariamente tem necessidade de se deslocar a Lisboa, aonde exerce a sua actividade.

Esta circunstância — alguns anos atrás — seria o bastante para pôr de lado todas as aspirações quanto à ligação Xabregas - Montijo. Mas agora, não pode suceder assim.

A ponte ou túnel a construir para ligação de Lisboa com Almada, não dá satisfação completa às necessidades do País; e, por isso, mantém-se a necessidade da ligação Xabregas - Montijo.

E não se diga, sequer, que nos faltam os recursos financeiros, porque não nos faltam.

Quer na região de Almada quer na região do Montijo, a maior valia dos terrenos resultantes da construção da ponte dá ao governo recursos suficientes para ambos os importantes empreendimentos.

* * *

Estas ligações Lisboa-Almada e Xabregas - Montijo, por si só, resolviam e cruciante problema das ligações do Norte com o Sul do País.

Mas, ficam, ainda por resolver os problemas das ligações directas Lisboa-Seixal — Lisboa - Barreiro — Lisboa - Moita e Lisboa - Alcochete.

Porém, estes problemas resolvem-se com maior simplicidade e pena é que já não estejam resolvidos.

Realmente, no que toca à ligação Lisboa - Seixal, umas carreiras mais, e o estabelecimento de uma carreira de autocarros entre o Seixal e as populações das freguesias do concelho, coincidindo com o horário da partida e da chegada dos vapores da carreira Lisboa - Seixal tudo já solicitado às Empresas detentoras dessas carreiras, resolveriam, eficientemente o problema.

Ainda no tocante ao Seixal, também a adaptação da ponte sobre o rio Coia, entre o Seixal e o Barreiro, ao trânsito de peões e viaturas, encurtaria em 14 quilómetros as ligações Lisboa - Seixal - Barreiro.

Quanto às ligações fluviais Lisboa - Barreiro, para as melhorar, bastaria utilizar «Ferry-boats» e modificar as condições de embarque e

desembarque da estação do Barreiro principalmente com a adoção de um pontão ligado ao topo norte da estação fluvial do Barreiro.

Quanto às ligações Lisboa-Moita, bem servidas quer pelo caminho de ferro, quer pelos autocarros das carreiras Portimão - Barreiro — Évora - Barreiro e Montijo - Barreiro, bastaria, talvez, mecanizar os meios de transporte e mercadorias, e agrupando-os em uma organização cooperativa que lhe servisse os interesses da classe marítima da região, desde há muito tempo a braços com dificuldades graves de toda a ordem.

Quanto a Alcochete, estou certo de que a construção da ponte ou do túnel Xabregas - Montijo facilitaria muitíssimo a solução das suas ligações. Mas, se assim não sucedesse, bastaria o estabelecimento de umas carreiras por um ou dois barcos modernos, pequenos, para resolver o assunto.

E como, no tocante às ligações de Lisboa com o Seixal, Barreiro, Moita e Alcochete, o que há a fazer é de relativa pouca monta, seria realmente, de agradecer, que os competentes departamentos da administração do Estado se ocupassem do assunto.

Como seria de agradecer que enquanto se não constrói a ponte ou túnel Xabregas - Montijo, esta vila, fosse beneficiada com horários melhores — o que já foi solicitado, também, à Parceria dos Vapores Lisbonense e à Administração do Porto de Lisboa.

Luís Costa Santos

FESTAS DE S. PEDRO

Quando em Junho as Festas vierem, todos gostarão de emitir a sua opinião e até criticar este ou aquele aspecto.

Nessa altura já não haverá remédio.

Mas agora, está a tempo de auxiliar a Comissão a resolver múltiplos problemas da organização dos festejos.

Dê o seu alvitre, exponha a sua opinião. Ajude a fazer as nossas festas.

Até 31 de Janeiro a Comissão recebe correspondência referente a este assunto.

O mau tempo

Toda esta semana e parte da semana finda, Montijo à semelhança de outras terras do país, tem sido assolado pelo temporal.

Muita chuva, provocou nos costumes locais pequenas inundações a que prontamente os Bombeiros acorreram.

A electricidade foi por vezes cortada em várias zonas da vila devido a avarias sem consequências, mas que ocasionaram transtornos aos consumidores.

Boletim Paroquial

Recebemos agora, os dois primeiros números do Boletim Paroquial «Despertar» dirigido pelo Rev.º Padre Manuel Gonçalves dos Santos, Prior da freguesia de Montijo.

«A Província», agradece a saudação que lhe é dirigida no número dois, desejando ao nável órgão da Igreja muitas prosperidades e longa vida.

Cirio Novo da Atalaia

Em virtude de não terem comparecido no p. p. domingo 15, os sócios deste Cirio, fica a Assembleia Geral adiada para 4 de Março p. f. com a mesma ordem de trabalhos.

Material Eléctrico

Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estaque-Tubos
Bergman — Tubo de Aço

CANDEEIROS
TELEFONIAS
IRRADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços

ABEL JUSTINIANO VENTURA

Praça da República — MONTIJO

Novidade sensacional

Registos de Som — uma ideia genial
tornada realidade

NORDMENDE RÁDIO

Uma obra de mestre em cada receptor

Peça uma demonstração aos

AGENTES EXCLUSIVOS

MARPAL, L.ª

Rua José Joaquim Marques, 27 - Telef. 026455 - MONTIJO

SANFER, L.ª DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RÍCINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZENS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Notícias da Semana

AGENDA UTILITÁRIA

Aniversários

— Dia 13, a Sr.^a D. Isaura Maria da Cruz Leitão, mãe do nosso prezado assinante Sr. João Carlos da Cruz Leitão.

— Dia 16, a Sr.^a D. Maria Helena Sampaio do Rosário, gentil filha da nossa querida assinante Oeiras, Sr.^a D.^a Leonor Coelho Sampaio.

— Dia 17, o Sr. José António Hesina, nosso dedicado assinante.

— Dia 20, o menino Jorge Manuel Marques Peixinho, jovem pianista de grande merecimento, filho do nosso prezado assinante Sr. Manuel Marques Peixinho J.^{or}.

— Dia 20, a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes Sampaio do Rosário, nossa gentil e dedicada assinante em Oeiras.

— Dia 20, a menina Margarida Ferreira da Cruz, irmã da nossa dedicada assinante, Sr.^a D.^a Margarida Ferreira.

— Dia 21, o Sr. Alvaro Luis Roger da Costa, filho do nosso prezado assinante Sr. Pompeu Lourenço da Costa.

— Dia 22, o menino Joaquim Fernando Ferreira da Cruz, irmão da nossa prezada assinante, Sr.^a D.^a Margarida Ferreira.

— Dia 22, a Sr.^a D.^a Aldalgia Rosado Marques Peixinho, esposa do nosso prezado assinante Sr. Manuel Marques Peixinho J.^{or}.

— Dia 23, o menino Jorge Manuel Caria Peixoto, filho da nossa prezada assinante Sr.^a D.^a Ana Caria Peixoto, de Coimbra.

— Dia 25, o menino Avelino José Valadas Baliza, neto da nossa prezada assinante Sr.^a D.^a Balbina Isaura Pialgata.

Partidas e chegadas

Em viagem de negócios partiu para França o Sr. Mário Nunes, nosso prezado assinante e muito digno gerente da Firma Pablos & Tavares Lda.

Casamento

No p. p. dia 28 de Dezembro, realizou-se no Santuário de Fátima o casamento da Sr.^a D.^a Maria Margarida Ferra de Jesus Relógio, gentil filha da Sr.^a D.^a Maria Amália Quaresma Ferra Relógio e do Sr. Avelino Relógio já falecido, com o Sr. Dr. Manuel Ribeiro.

Apadrinharam o acto o Sr. Graciano Ferra de Jesus Relógio e sua esposa Sr.^a D.^a Maria Manuela Marques de Jesus Relógio, por parte da noiva e o Sr. Dr. Aurélio Melo e Castro Ribeiro e a Sr.^a D.^a Maria dos Prazeres Melo e Castro Ribeiro, por parte do noivo.

«A Província» cumprimenta com simpatia o novo casal, desejando-lhe muitas felicidades no seu novo lar.

Doente

Encontra-se já em franca convalescência da enfermidade que durante alguns dias o reteve no leito, o Sr. Dr. José Maria Pereira de Oliveira, Meretíssimo Juiz de Direito da nossa Comarca.

DOIS PROBLEMAS DOIS BAIROS

Com a chegada do Inverno, apresentam-se por toda a parte problemas de arruamentos e vias de acesso a diversos Bairros que, mais se agravam com as chuvas torrenciais que nesta quadra do ano desabam sobre a vila.

Vários têm sido os clamores, de habitantes de diversos bairros que, até nós têm chegado.

Por nos parecerem de maior acuidade e importância, chamamos hoje a atenção de quem de direito para a tragédia que representa neste momento uma ida ao Bairro da Bela Vista. Em tal estado se encontra a única via de acesso a aquele Bairro, que os motoristas da nossa Praça se recusam a lá ir, por recearem danificar os seus carros ou não os poder de lá tirar. Isto se nos afigura digno de ser

olhado com atenção, pois ainda há pouco uma doente que necessitava de urgentemente ser transportada ao hospital, teve que vir ao colo de populares e pessoas de família até ao local onde o automóvel ficara. Os carros, ainda mesmo os de tracção animal, não atravessam a vala fétida e imunda, que separa o Bairro, e assim se vêm os seus habitantes privados de alguns géneros e artigos de 1.^a necessidade, por carência de transportes. O abastecimento das mercadorias faz-se em precárias condi-

ções e os vendedores de petróleo e carvão também mostram pouca vontade e por vezes se recusam a lá ir.

O outro problema, é o do Bairro da Barrosa.

Os seus habitantes, são obrigados a percorrer enorme distância para nele penetrarem, pois têm uma única entrada, ao fim da Rua J. J. Marquês, esquina do João Dias. Essa via de acesso em miserável estado é insuficiente para prover as necessidades de expansão do referido Bairro. Pretendem os seus habitantes e é nesse sentido que se nos dirigiram, que seja aberta uma outra entrada.

Aqui ficam as lamentações desta boa gente que, por certo, serão ouvidas por quem de direito.

Ultima hora

FESTAS DE S. PEDRO

Esteve em Montijo na passada semana o Sr. Narciso Fernandes, da Firma A. J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas, que aqui se veio avistar com a Comissão das Festas para combinar as sessões de fogo de artifício das Festas do corrente ano.

Podemos já informar a nossos leitores de que a citada firma, que tem sido nos últimos anos a fornecedora de todo o fogo lançado nas Festas, que estará mais uma vez entre nós, e que se encontram contratadas 3 sessões, sendo 2 de fogo do ar e 1 de fogo preso.

As próximas Festas serão sem dúvida melhoradas neste atractivo, porquanto as sessões de fogo foram sempre limitadas a duas noites.

A's Donas de Casa

Hoje de tarde e à noite no Salão de Festas da Sociedade Filarmónica 1.^o Dezembro realiza o Sr. Dr. Manuel Silva Lopes, médico especializado em sistemas de alimentação racional e Director da esplendida revista «Alimentação» uma interessante demonstração de culinária documentada com filmes de curta metragens, cuja entrada é livre e se aconselha a todas as senhoras de Montijo.

Telefone. 026 379

Dava boas Fotografias

Foto Montijense

Coisas que acontecerem... mas não deviam acontecer...

Na sexta feira da semana finda, realizou-se em Montijo um jogo de Futebol da categoria de juniores, cuja arbitragem, segundo os desportistas locais, deixou muito a desejar.

Levantou-se no final do jogo grande celeuma e foi o árbitro compelido a permanecer no campo, mais de uma hora depois de terminar o jogo.

Cá fora, a multidão desvairada pela paixão clubista, excedendo-se em atitudes nada dignificantes e impróprias de desportistas e pouco ou nada honrando a terra e o Clube, fez alarde do seu descontentamento por forma a merecer reparo e reprovação absoluta de quem, calma e reflectidamente apreciou o encontro.

As atitudes, palavras e gestos irreflectidos de uma multidão de irresponsáveis descontrolados, não pode de forma alguma ser espelho de uma falange de adeptos, mas o certo é que, tudo quanto vimos em Montijo na tarde de sexta feira 13 (influência do dia?) é triste e confrangedor sintoma de pouca educação, falta absoluta do sentido das realidades e prejuízo total para o Clube e para a Terra.

Mau grado nosso, temos que reprovar estas manifestações públicas de desagrado por motivos desportivos (ou anti-desportivos?) pois afectam grandemente o prestígio de Montijo e dão azo a manter-se uma tradição que, embora falsa, não deixa com tais acontecimentos de se revigorar e transformar em verdadeira.

Habitação Moderna

R/chão com seis divisões, marquise e quintal, na Avenida D. Afonso Henriques, junto à Gazeta do Sul, arrenda-se por 450\$00.

Telef. 026 208

LATOARIA CENTRAL

DE

JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVA

Embalagens em Folha de Flandres

Rua Almirante Reis, 77

MONTIJO

Agradecimento a Alvaro Soares da Paima Guerreiro

Por desconhecimento da sua residência exacta em Montijo venho por este meio agradecer publicamente ao ilustre protagonista da cura do cancro a gentileza com que aceitou a indicar a cura de minha esposa de um cancro num peito e que se encontra completamente restabelecida há já cerca de quatro anos, sem que se tenha notado até hoje qualquer indício de reincidência o que anotamos com alegria e regosijo.

Aqui fica o meu reconhecimento.
Francisco David (Quinta da Carocha — BEJA).

Vinhos Novos e Aguardentes

Compra qualquer quantidade.
F. Rosa & Irmão Lda. - Montijo.

Vende-se

Carro com direito à praça de Montijo.
Informa-se nesta redacção.

Agradecimento

Joaquim Luis Peixinho

Sua esposa, filhos, nora, genro e mais família vêm por este meio expressar a sua gratidão a todas as pessoas que se incorporaram no funeral, ou por qualquer forma manifestaram condolências pelo falecimento de seu extremoso marido, pai, sogro e mais parentes.

Figos

Pessa los, para engordas, vende qualquer quantidade até 200.000 quilos — F. Rosa & Irmão Lda. — MONTIJO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

a preços populares só na

Grande sortido de lâmpadas aos mais baixos preços

Os maiores descontos aos electricistas em material para instalações eléctricas

Para festejar a inauguração da SETEL, todos os artigos expostos terão 10% de desconto durante o corrente mês — No seu próprio interesse consulte a

Sociedade Electrificadora Tejo Lda.

Telef. 026084

MONTIJO



Farmácias de Serviço

5.^a-feira, 19 — Moderna
6.^a-feira, 20 — Diogo
Sábado, 21 — Geraldês
Domingo, 22 — Montepio
2.^a-feira, 23 — Moderna
3.^a-feira, 24 — Diogo
4.^a-feira, 25 — Geraldês

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

Dias de semana, às 8,30 e 9 horas na Igreja Paroquial.

Domingo 22 — às 8 horas na Igreja da Misericórdia, às 9 horas no Afonsoeiro, às 10 e 11,30 horas na Igreja Paroquial, às 11,30 horas na Atalaia, às 18 horas na Igreja Paroquial.

Horário da Catequese: 3.^a feira (Projeções e Cânticos) às 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa às 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21 horas.

No segundo domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

Quinta-feira 19; (para adultos) o estupendo filme de Saché Pnity «Se Verssalhes Falasse» e ainda a Revista da Actualidade.

Sábado 21; (para 13 anos) «Destino Amargo» e «Os Filhos do Deserto».

Domingo 22; em matiné (com entrada para crianças com mais de 6 anos) soirée com o maravilhoso filme espanhol «Marcelino, Pão e Vinho».

Segunda-feira 23; «Marcelino, Pão e Vinho».

CINEMA 1.^o DEZEMBRO

Sábado 21; (para 13 anos) o famoso filme de aventuras, colorido «Zona Livre» e ainda o lindo drama «Ultimo Encontro».

Domingo 22; (para 13 anos) o grandioso filme em CinemaScope com Gregory Peck, «Gente da Noite» e lindos complementos.

2.^a-feira 23; (para 13 anos) o famoso filme em CinemaScope a pedido do público «O Príncipe Valente».

4.^a-feira 25; (para adultos) o grande drama com Maria Schell «Enquanto Estiveres ao Meu Lado» e ainda o filme de aventuras «O Tigre dos Mares».

VARIEDADES

Na S. F. 1.^o D. (Salão de Festas) 6.^a feira dia 20 — um sensacional programa com artistas da rádio sob a Direcção de Alberto Ribeiro.

Quem perdeu?

Encontram-se depositados no Posto da P. S. P. nesta vila para serem entregues a quem provar pertencer-lhe, os seguintes objectos achados na via pública:

Um guarda-chuva, um passaporte pertencente a Maria Cândida Martins, um par de olhos próprios para criança, um cartão de identidade em nome de Leovegildo José Pascoa Aço, uma colecção de botões para senhora e diversas chaves.

A Escola Técnica

(Continuação da primeira página)

Foi do seguinte teor a exposição elaborada pela Comissão Pro-Escola Técnica e, entregue a Sua Ex.^a o Sr. Ministro da Educação Nacional:

Excelência:

Não é recente a justa aspiração da massa demográfica da nossa terra, no sentido de proporcionar, a seus filhos, uma instrução e uma educação compatíveis, não só com as necessidades espirituais, adstritas à própria essência humana, como, ainda e com mais forte razão, com as progressivas modificações impostas pelo desenvolvimento populacional e pelo engrandecimento das actividades comercial e industrial, manifestamente reconhecidas, no nosso meio.

Montijo — a velha Aldega-lega ou Aldeia Galega do Ribatejo — impôs-se, desde sempre pelo anseio duma cultura, que desse, a seus filhos, oportunidade de bem contribuir, para o lustre e progresso do seu aglomerado populacional e, também, a de participar, condignamente, na valiosa obra de engrandecimento da própria nacionalidade.

É, assim, que, desde longa data, nos honrosos anais da história pátria, se vêm inscritos respeitáveis nomes de filhos deste nosso muito amado torrão natal, nas lides gloriosas pela manutenção da sua independência e da integridade da sua existência, no âmbito internacional.

E, se restringirmos a nossa atenção ao fim meramente instrutivo, que agora nos preocupa, é bem de recordar que as actuais gerações locais, ao descerrarem os seus olhos, pela primeira vez, à fascinante luz do mundo, vieram encontrar, já, na sua terra, um parco estabelecimento de ensino, é certo, em relação à actualidade, mas que, com brilho, com eficiência e com justificado orgulho — pode afirmar-se — formou individualidades notáveis, algumas das quais, ainda hoje, honram a sua terra natal, no exercício das mais altas funções culturais e sociais, dentro do nosso país.

Referimo-nos à existência, aqui, da Escola Municipal Secundária Almeida Garrett, de saudosa memória, fulcro, então, da frequência escolar desta extensa região ribatejana e cuja poderosa acção se ampliava, não só a todos os agregados populacionais, seus vizinhos, incluindo a própria cidade de Setúbal, cabeça, hoje, do nosso distrito, como, ainda, a todo o país e, até mesmo, ao estrangeiro.

Honra-nos, sobremaneira, o precioso facto de ter saído de Montijo, da Direcção dessa mesma Escola, o primeiro ilustre reitor do relativamente recente liceu de Setúbal.

Verifica-se, assim, que a nossa emancipação, no ponto de vista instrutivo e de en-

sino, é anterior ao de todas as povoações circunvizinhas incluindo vilas e cidades.

Deu-se, seguidamente, um interregno, durante o qual apenas subsistiu a permanência do Ensino Primário Elementar. Mas, instituído o Ensino Primário Superior, cujos fins não chegaram, na verdade, a ser atingidos, nem, talvez compreendidos, em certos sectores da vida nacional, logo se entendeu e com sobeja razão, a necessidade de, em face do seu crescente desenvolvimento comercial e industrial e da sua enorme população escolar, se criar, em Montijo, um estabelecimento daquele grau de ensino.

Os benefícios prestados por esse estabelecimento conhece-os bem a massa demográfica local, mas não é este momento asado, para neles se falar. O certo, porém, é que também essa instituição desenvolveu, eficientemente, a sua curta acção instrutiva e educativa, através do país.

Tudo isto, contudo, se passava, por assim dizer, na infância da vida local, num período de tempo, em que, de longínquas eras, o agregado populacional regional nada era, em relação ao presente, como nada era então, a vida comercial e industrial, em comparação com a actualidade.

Montijo possui, hoje, uma massa demográfica de vinte e seis mil habitantes, aproximadamente, segundo o censo de 1950. O seu movimento de natalidade é de mortalidade é de molde a provocar o aumento constante da sua população, caracterizada fixa, acrescentada, ainda, por uma forte corrente de população flutuante, que a atracção do seu intensivo e extraordinário e constante desenvolvimento comercial, e especialmente industrial, que é exaustivo, chama até nós, das mais afastadas regiões do país.

Assim, no campo da indústria, temos, hoje, em plena laboração, o imponente número de 96 fábricas, da espécie corticeira, com um movimento operário de 3.000 unidades, uma distribuição de salários correspondente a 18 mil contos, uma fabricação de 21 mil toneladas e uma exportação equivalente a 18.800 toneladas; possuímos, na indústria porcina, também em plena laboração, 32 estabelecimentos fabris, com um movimento de 1.200 operários, salários no montante de 6.000 contos, fabricação de 960.000 quilogramas, e o correspondente abatimento de OITENTA MIL suínos (80.000); existem 4 fábricas de cerâmica, com 250 operários, salários 1.900 contos; e, finalmente, diversas outras, computadas em vinte, com 800 operários e salários de 3.800 contos.

A população escolar de Montijo eleva-se, actualmente, a 2.434 unidades,

realmente recenseadas, no último censo infantil respectivo. Havemos de contar, ainda, com uma frequência de mais de uma centena de alunos, que, com meios próprios, frequentam escolas comerciais e industriais fora do concelho; com indivíduos de 18 a 21 anos, no total de 780, que poderiam e desejariam frequentar a escola técnica; 200 empregados de escritório e 80 doutros ramos, em igualdade de circunstâncias e de aspiração dos anteriores, numa existência de 568 estabelecimentos comerciais diversos.

Todos estes dados, que oferecemos à criteriosa e elevada apreciação de V. Ex.^a, são inteiramente exactos e verificados oficialmente, como é próprio do fim que se pretende atingir e da respeitabilidade das altas entidades a quem nos dirigimos.

Parece-nos, desta forma, que se patenteia, absolutamente, defensável e justa a grande aspiração desta Câmara, como legal representante dos povos sob a sua jurisdição administrativa.

Mas, Excelência, a juntar às conveniências locais, manifestamente demonstradas e de natureza objectiva, para justificar a merecida criação de uma Escola Técnica Comercial e Industrial, em Montijo, existem, também, as de carácter subjectivo, que não fogem, certamente, ao elevado espírito de V. Ex.^a e, ainda, a acrescentar a todas elas as reais conveniências que essa criação comportaria, para os vizinhos concelhos de Alcochete e da Moita, cujas municipalidades, por forma clara e iniludível, prestaram já o seu perfeito acordo com os nossos desejos, tendo em vista a grande utilidade que adviria, para os seus interesses instrutivos e educativos regionais e para as economias dos seus respectivos habitantes.

Possui o concelho de Alcochete uma população escolar de 771 unidades e o concelho da Moita de 2.179. Adicionando estes números a 2.434 unidades, correspondentes à população escolar do nosso concelho, constata-se a existência de 5.384 indivíduos em idade escolar, que poderão, sem dúvida, vir a constituir a grande massa de frequência da nossa Escola Comercial e Industrial.

Montijo possui, assim, todas as condições indispensáveis para o estabelecimento duma escola desta natureza e essa condicionalidade vai até ao ponto de poder garantir, ao Estado e ao Governo, de que V. Ex.^a é excelso ornamento, a oferta imediata de edifício perfeitamente adaptável à escola a criar, ou mesmo de terreno suficiente e seguro para a construção de edifício próprio, base fundamental do fim em vista.

E' já corrente e obsoleta, por demais repetida e conhe-

À Minha Terra

*Desejo, à minha Terra, que um sagrado,
Ano lhe venha, com prazer, divino,
Pra sua gente: um astro matutino,
Os alumie e brilhante, Sol, dourado.*

*Futuro bom: ventura, em todo o lado
Nosso Senhor; envie, sublime, o hino
Vibre música, em sons de violino,
Que seu redor, lhe seja abençoado.*

*E com pesar, que estou d'ali, distante,
Mas, tudo lembro e bem, a todo o instante.
Sempre a Deus, peço mil prosperidades,*

*Para os seus filhos: Tão ardentemente
Que lhes sorria a vida, docemente,
Como a mim, dela surgem as saudades.*

Eduarda Leite Ventura

cida, a necessidade imanente de se aperfeiçoarem os nossos trabalhadores manuais, em frente ao, felizmente, crescente desenvolvimento industrial nacional.

Tem o Governo da Nação prestado toda a sua atenção e todo o seu auxílio ao desaparecimento da afrontosa mancha do analfabetismo, em Portugal. Tem ido mesmo mais longe, criando escolas de ensino técnico, em várias localidades do país, algumas, digamos, em abono da verdade, de não tão grande e imperiosa necessidade, como em Montijo.

Não satisfazem, no entanto, esses estabelecimentos, nem às conveniências demográficas, nem aos interesses mais prementes da população montijense e das dos concelhos seus próximos vizinhos, tendo-se, até, notado, em quase todos senão em todos, a realidade duma pletórica frequência, que inutiliza, por completo, e própria

eficiência do ensino correspondente.

Meio acentuadamente agrícola, mas caracterizadamente e profundamente, hoje, de natureza comercial e industrial, bem merece Montijo que se torne urgentemente transformada em realidade a previsão estabelecida pelo Decreto-Lei n.º 36.409, de 1947, no sentido da criação, nesta importante e laboriosa localidade, duma Escola Técnica de Ensino Comercial e Industrial.

A Câmara Municipal de Montijo, interpretando a vontade unânime de toda a sua população e com o apoio e acordo das suas prestimosas congéneres de Alcochete e da Moita do Ribatejo, depõe, confiantemente, nas generosas, patrióticas e sábias mãos de V. Ex.^a, esta sua petição, na grata e venturosa esperança de a ver, tão urgentemente, quanto possível, deferida.

Toponímia

(Continuação da primeira página)

dos nomes das ruas, sem mais critério do que o prurido doentio de ir na onda de uma ideia ou nome que nada fez em prol da terra.

Quando em 1938 se procedeu ao concurso da «Aldeia mais portuguesa de Portugal» por iniciativa do S. P. N., hoje conhecido por S. N. I., a um dos factos ou quesitos a que atendeu o júri, foi o da toponímia das povoações.

Se o leitor desejar ter o trabalho de manusear a revista *Ocidente* (N.º 8, Vol. III, de 1938), topará, a págs. 284 e 308, com a toponímia das ruas das aldeias de Paul e de Monsanto, que, como se sabe, ganharam, respectivamente, o 2.º e o 1.º prémio, nesse concurso.

Além da toponímia evocadora dos vicos mediévidos destas povoações — «as aldeias mais portuguesas de Portugal» — encontra-se, ainda também, a toponímia dos sítios, seus subúrbios.

Resta-nos levar ao conhecimento dos nossos leitores de que estes nossos artigos

teem despertado, em algumas vilas, o desejo, por nós aqui expresso e defendido, de que a toponímia das povoações volte aos primitivos nomes.

E, se isso vier a acontecer, poderemos dizer que se deve, em parte, ao senhor Ruy de Mendonça, por ter ventilado este assunto nas colunas de «A Província». Foi ele quem deu ao a estes nossos artigos e oxalá que a sua ventilação algo de construtivo frutifique nos lugares aonde a benéfica aragem faça eco.

Estamos, em Portugal, vivendo uma era de renovação e de restauração de virtudes cívicas de um passado glorioso.

«A Província» começou já a dar a sua achega para a construção desse grandioso templo que o Portugal de hoje vai legar ao Portugal do futuro.

Bem hajam, pois, Ruy de Mendonça e «A Província» pelo seu auxílio!

(Continua)

Acedendo à permissão, fomos encontrar o moleiro lá ao fundo a bandejar trigo, com os vagares próprios da sua idade, que deve rondar os setenta. Botas grossas, calças de cotim cinzento e forte, camisa aberta no pescoço, colete do mesmo cotim, enfiado e desabotoado, chapéu de aba larga e um lenço a tapar o nariz e a boca, preso pelas pontas na nuca — eram as vestes que envergava.

Quando nos aproximámos, o homem puxou o lenço para baixo, levou a mão ao chapéu e saudou:

— Tenham os senhores muito boa-tarde.

— Boas-tardes nos dê Deus — correspondemos.

Sentámo-nos sobre os sacos de trigo que o ladeavam. Depois metemos conversa, o António Henriques mais, porque percebia da arte. Viemos a saber que o moleiro se chamava Luís da Areia e que traz o moinho de renda há algum tempo. Conta o funcionamento do

A Serventia do Moinho

(Continuação da primeira página)

engenho, muito diferente das azenhas do rio ou dos moinhos de vento, claro. E enquanto fala, vai agitando sempre a bandeja, na função de livrar os grãos do loiro trigo, das pedrinhas que porventura possa conter, parando por vezes, para retirar com os dedos em pinça alguma impureza que o seu olho esperto descortine. Quando termina a bandejada, vai ao saco aberto buscar mais, mesmo sem deixar o assento, porque tudo lhe fica à mão.

Pela porta das traseiras, entra um gatinho que se vem enroscar, molengoso, num saco vazio, a um canto.

— Então vamos lá a saber: agora em que ponto está a maré? — inquiri.

O sr. Luís poisou a bandeja, ergueu-se do lugar com certa dificuldade, apoiando as mãos nos qua-

dris emperrados, e, meio curvo, em passos lentos, veio à porta da entrada para dar explicações:

A maré está na enchente máxima. Daqui a

Pelo

Dr. Cabral Adão

pouco começa a descer. Ora repare na comporta.

De facto, a grossa portada que serve de válvula aos movimentos da água entre o rio e a caldeira (espécie de represa que acciona os engenhos) começou, de escancarada que estava, a fechar-se, a fechar-se, até bater com certa violência no encosto da couceira.

Dali para diante, a maré, cá fora, vai vazando, mas o nível na caldeira não baixa, porque a comporta não permite. Três horas de vazante,

são o suficiente para o desnível das duas águas dar corrente motriz. Então o sr. Luís vai aos pejadoiros das três mós e abre-os. Rompem os jactos nas rodas e elas começam a girar, obrigando, por um sistema de dentes, os carretos das pedras ao trabalho.

— Quantas horas moem, em cada enchente? — perguntei.

— Os muros estão muito rotos, meu senhor. Andei-os a compor há pouco, mas ainda deixam escoar muita água. Cada enchente só dá duas horas de trabalho.

Havendo duas enchentes diárias, segue-se que o moleiro apenas serve o seu mester quatro horas por dia.

Agora que tanto se fala no aproveitamento da hulha verde, com potencialidade desmedida para tudo que se

deseje, sabe bem examinar esta moagem primitiva, baseada nos mesmos princípios da força das marés. E tomámo-nos um eflúvio misto de bucolismo, como todo o fabrico de farinha contém, e de espanto curioso ante os potentes maquinismos que o futuro construirá para as grandes fábricas a energia talássica, de que este ingénio moinho é precursor.

Voltámos ao interior do casarão de telha vã. A farinha polvilha de arminho todas as superfícies livres. Há um cheiro mimoso, salutar, que ressalta dos tégões e dos sacos meio cheios. Aqui, o sr. Luís mostra-nos farinha triga, enchendo as mãos e deixando-a escapar pelos dedos, para se ver o grau da moedura. Ali, mostra-nos farinha de milho, ou branco ou amarelo, mais fina ou mais grossa consoante as encomendas dos fregueses. E explica tudo com uma voz bitonal, compassada, amável.

No final da visita, como ouvisse o António Henriques tratar-me com a consagrada dignidade do DR., perguntou:

— Ainda que mal pergunte, V. Ex.^a é doutor de leis?

— Não, não. Sou de Medicina — esclareci.

— Como já ouvi falar num doutor Adão, advogado muito entendido... — justifiquei eu.

— Esse é outro, por acaso muito meu amigo. Mas porque pergunta isso? — quis saber.

— É porque eu sou vítima destes marítimos que têm aqui os barcos amarrados ao muro. Em vez de prenderem os cabos na borda próxima, não senhor! Atravessam os cabos para o outro lado e dificultam assim o trânsito pelo caminho.

— De facto, quando vinha para aqui estranhei o disparate e até tive que fazer ginástica para poder cá chegar — corroborarei eu.

— Pois é. Quando os cabos estão altos, a meio metro do chão, os carros que vêm aqui deixar cereal ou carregar farinha, nem podem passar. Os animais espantam-se. Isto é um atentado à serventia do moinho e eu tenho sofrido o que não desejo a ninguém, com o abuso dos marítimos. Se o senhor dr. pudesse fazer alguma coisa...

Descanse, que apesar de eu não ser jurista, posso tornar-me eco da sua justíssima reclamação. A imprensa é uma tribuna.

Despedi-me do sr. Luís, tão simpático como merecedor de atenção, pelo seu mester, pela sua idade e pelo seu direito.

Senhor Presidente da Câmara do Montijo.

Perdoe V. Ex.^a a indiscrição do requerimento. Mas queira providenciar junto das autoridades competentes para que seja remetida à plena liberdade de direitos, a serventia do moinho do sr. Luís da Areia.

De V. Ex.^a muito reconhecido e admirador atento,

José António Moedas

Cabral Adão

Pequenas Biografias

Uma vida toda feita de estranhos contrastes, esta do genial compositor Richard Wagner.

A criança impetuosa e irrequieta que foi na infância jamais o abandonou pela vida fora.

«Era um feixe de contradições - cristão e pagão, patriota e internacionalista, asceta e voluptuário». Nesta frase sintetizante, encontrar-se-ão talvez os tópicos que regeram a sua personalidade.

O que lhe faltava em humanidade, sobrava-lhe em talento.

Acusaram-no, quiçá com razão, de algumas vezes amesquinhar o próximo para se elevar a si. Efectivamente, o glorificado músico germânico desprezava demais os outros para se importar demais consigo. Desse desdém pelos humanos teve, também ele a amarga experiência, quando mais tarde se deu o reverso da «medalha»...

Não obstante tudo isso, o génio Wagneriano subsistiu enorme. A sua obra tem facetas insuperáveis. Pilares altivos que alicerçam uma época das mais brilhantes nos annos da arte que o celebrizou.

Procurou dar ao mundo nas suas óperas «um novo conceito de música e uma nova filosofia de Vida» porque «a sua concepção de música de teatro afastava-se profundamente da ópera tradicional». E isso foi incontestavelmente um grande passo.

Curvemo-nos perante a arte espantosa e inebriante do compositor alemão, mesmo que a sua personalidade não mereça o nosso inteiro aplauso.

Nasceu a 22 de Maio de 1813, na cidade de Leipzig.

RICHARD WAGNER

Um grande músico numa estranha personagem

Seu pai de nome Carl Friedrich W. Wagner, que era secretário da directoria da policia, foi vítima de uma epidemia de febre tifóide que por essa altura alastrou na Alemanha e deixou, além de Richard que tinha poucos meses, sete filhos mais.

Sua mãe dois anos depois, consorciou-se com o actor teatral Ludwig Geyer que tinha sido íntimo amigo de seu primeiro marido, indo toda a família viver para Dresde. Aí se passou a maior parte da infância de Richard Wagner.

O padrasto desejava ardentemente que o menino turbulento da família seguisse a carreira de De Vinci, porém ele não sentia inclinação para essa arte. O próprio Geyer se convenceu disso, quando certa vez, estando ele doente, Wagner entou com muita suavidade e sentimento uma canção popular alemã. No final murmurou para a esposa: «Terá ele vocação para a música?»

E tinha, tinha como poucos a tiveram.

Em contradição (já se disse que a sua vida foi feita de contradições), com a maioria dos seus pares Wagner não se embrenhou, relativamente cedo no estudo da música.

A arte de Talma, sempre fascinadora, foi a sua primeira paixão. Ele mesmo nos diz no seu livro de memórias: «Tudo o que se relacionava com uma representação teatral. Possuía para mim um fascínio misterioso e inebriante».

Por isso o teatro haveria de ter grande influência nas

suas ideias e princípios. Aos treze anos já lia Shakespeare e os grandes trágicos gregos.

Quando regressa a Leipzig, aviva-se-lhe extraordinariamente o gosto pela música. Possuidor de inquebrantável força de vontade embrenha-se com afinco no seu estudo. Inicialmente é um autodidacta mas depois vai aperfeiçoar-se numa escola.

A grande «virtuose» da época é Beethoven que se revelara há pouco. Wagner admira sobremaneira o mestre. O seu sonho é seguir-lhe as pisadas. Chegou mesmo a compor uma «ouverture» inspirada na «Nona Sinfonia» de Beethoven.

Quando é nomeado chefe de orquestra do teatro de Magdebourg conhece uma actriz da companhia. Por ela se apaixona e resolve casar em 24 de Novembro de 1836.

Porque Wagner é muito ciumento, dão-se entre os dois algumas cenas pouco edificantes.

Se Minna Planer (é este o nome de sua mulher) foi muitas vezes um aborrecido fardo para ele, deve afirmar-se, em abono da verdade, que neutras alturas ela tentou guiá-lo pelo melhor caminho e nunca o abandonou nos momentos difíceis.

Inspirada numa turbulenta viagem que fez à Inglaterra escreveu uma das suas mais célebres óperas «Navio Fantasma», que como «Tannhaeuser», «Lohengrin» e a trelógia «Anel

DESPORTOS

JUNIORES

Três más jornadas para a nossa equipa

Montijo, 1 - Barreirense, 3

Sendo impossível a nossa comparação em todo o encontro, somente comentamos a 2.ª parte do jogo, decerto a mais deplorável em todos os aspectos.

Por insuficiência de pormenores cuja objectividade é o futebol, pois a partir do tento obtido pelos Montijenses, o verdadeiro jogo deixou de existir, o que lamentamos em todos os aspectos, principalmente quando é originado pela pessoa com mais responsabilidade, o Juiz de Campo.

Surpreendeu-nos realmente o Sr. Valido, não pela sua arbitragem, mas por não ter atingido ainda o limite de idade, abandonando estas andanças futebolísticas, impróprias já para as suas possibilidades atléticas, qualidade indispensável para arbitrar um jogo moderno.]

Ora o Sr. Valido a partir de certo momento do encontro, deve ter notado que nas bancadas os espectadores se agitavam pouco conformados com as suas decisões, notando perfeitamente que a arbitragem não estava seguindo bom critério, e, pouco depois rebentava a bomba, ao validar um tento aos visitantes precedido de falta.

Os estilhaços dessa bomba foram fatais, originando conflitos, que prejudicaram e ditaram a derrota da equipa mais apetrechada.

Com esta derrota e com outras, idênticas, a equipa ficou arredada da competição máxima, mais por injustiça e perseguição que por falta de valor.

António Júlio Canarim

Seixal, 2 - Montijo, 0

Jogo realizado no Seixal.

As equipas alinharam:

SEIXAL: Quim Zé; José António e Folques; Rebelo, Nana e Aurélio; Helder, Alexandre, Cambalacho, Mário e Leitão.

MONTIJO: Nicolau; Amândio e Vítor; Feijão, Barrigana e Valentim; Sequeira, Eduardo, João, Romeu e Marinho.

O jogo principiou da pior ma-

neira para o Montijo, pois após três minutos de jogo o Seixal colocou-se na posição de vencedor a um bom remate do seu avançado centro Cambalacho. Dois minutos depois Valentim num lance infeliz foi atingido involuntariamente na face, pelo pé dum adversário, ao tentar cabecear o esférico sendo obrigado a abandonar o terreno, entrando para o seu lugar, Lino.

Mas, os lances infelizes continuaram nestes primeiros minutos a perseguir o Montijo, pois cinco minutos depois Nicolau ao tentar segurar a bola, deixou que esta lhe escapasse das mãos para dentro da baliza, estando feito deste modo o segundo gol de Seixal.

Ilá que registar no entanto, que no estado em que o terreno se encontrava difícil se tornaria segurar a bola.

Com o resultado de 2-0 o Seixal descansou um pouco, e então podémos assistir a algumas boas jogadas dos jogadores montijenses, pena foi que não concretizassem da melhor maneira pois os seus avançados raras vezes remataram à baliza sem o que não se poderá ganhar desafios.

No segundo tempo o domínio dos locais foi intenso, pois permaneceram quase todo o segundo tempo no meio campo montijense, não tendo aumentado a vantagem, justamente pelo mesmo defeito, que lhes achámos quando na sua deslocação ao Montijo, e pelo mesmo defeito que atrás deixamos apontado aos avançados montijenses, a falta de remate à baliza.

Aos 25 minutos do segundo tempo Valentim voltou ao terreno, substituindo Romeu, que actuava abaixo das suas possibilidades.

Pouco depois Marinho numa entrada à margem das leis, recebeu ordem de expulsão, no entanto, entradas daquelas tinham havido muitas por parte dos jogadores locais.

No Montijo salientaram-se: Feijão, Lino e Eduardo. No Seixal: Nana, Helder, Alexandre e Mário. A arbitragem, com o senão da expulsão de Marinho, pode considerar-se boa.

J. C.

Basquetebol

Cuf., 34 - Montijo, 22

Realizou-se no passado domingo, dia 15, no Campo da Cuf, no Barreiro, o encontro acima para o Campeonato Regional do Distrito de Setúbal.

Sob a arbitragem do Sr. João Máximo as equipas alinharam:

CUF: (13 cestas e 8 lances transformados em 14 tentados).

Costa (4), A. Carvalho (6), Antrogerilo (3), Henrique (4), Ferreira (3) e Ludgero (14).

MONTIJO: (9 cestas e 4 lances livres transformados em 9 tentados).

Pinto, Cepinha (2), Tomaz (15), Barreiras (2), Adriano (1), Adelino e Rosa (2).

Mais uma vez o Montijo fez um bom jogo no excelente campo da Cuf.

Perdeu bem e só porque a Cuf no final se superiorizou, impondo a sua natural superior preparação.

Quasi sempre na posição de vencedor, o Montijo dominou, e enquanto o adversário defendeu a zona; Tomaz, excelente na meia distância, ia resolvendo por si o problema, e na luta das tabelas o domínio era equilibrado.

Entretanto, no princípio do segundo tempo a Cuf rectificou o

sistema defensivo, passando a homem-a-homem e o resultado foi-lhe absolutamente favorável.

O Montijo perturbou-se, Tomaz mais estreitamente vigiado, não mais foi o lançador até aí e... o Montijo obrigado a esforço superior, veio a perder naturalmente.

O recinto não obstante ser cimentado, estava completamente alagado e prejudicou imenso o trabalho das duas equipas, mais a do Montijo, e justifica (em parte) a magreza da pontuação.

Arbitragem regular no primeiro tempo, mas absolutamente inacreditável no segundo tempo, marcando duas faltas técnicas seguidas contra o Montijo, simplesmente absurdas e falhas de concepção desportiva. Talvez porque a Cuf estava a perder e a possível concretização das mesmas viesse a influir (como veio) no rendimento dos jogadores montijenses.

Mas não só isso, como o inferior julgamento dos passes, dados em série pelos cufistas, desacredita o trabalho do sr. João Máximo.

Em júniores e na 1.ª jornada do Torneio Regional, o Montijo foi vencido pelo Luso, no campo deste, por 23-15.

Luciano Mocho

Segredos de Gabinete

Numa das últimas reuniões do C. D. M. assistimos a um acto que revela a vontade dos homens que tomaram conta dos destinos do clube, em bem o administrar.

Referimo-nos à identificação dos sócios que prestam serviço de porteiro no Campo de Jogos.

Verdadeiros agentes da Direcção junto da massa associativa, depende muitas vezes destes funcionários, consoante a sua boa ou má conduta, o angariar-se um amigo para o Clube ou perder-se um sócio.

Judiciosas dalavras foram proferidas pelo sr. Vice-Presidente da Direcção, incutindo princípios de disciplina e correcção, pelo que esperava uma boa colaboração no desempenho das funções que exercem.

Fazemos iguais votos e aguardemos a boa compreensão dos senhores associados para os diversos problemas administrativos e de ordem que a Direcção agora empossada pretende levar ao bom caminho.

Montijo, 0 - Cuf., 1

Por este encontro se ter disputado ontem e por termos recebido o relato já quando esta secção estava totalmente preenchida, não nos é possível a publicação do mesmo. Registamos no entanto a correcção com que o encontro foi disputado, considerando-se a vitória dos visitantes justa, visto ter sido a melhor equipa no terreno.

Olhanense, 4 - Montijo, 2 FALA REDOL

Em virtude da impossibilidade da deslocação dum redactor deste jornal, confiámos ao valoroso e nável guardião da equipa montijense, Redol, o trabalho de analisar o jogo que a turma de Montijo foi realizar ao Algarve.

Ouçamos o que nos diz o esperançoso futebolista que em substituição de Albertino tão boa conta tem dado do lugar:

— «O jogo foi bem disputado por ambas as equipas. O empate seria, talvez, o resultado mais justo, porquanto só a infelicidade de um jogador montijense, permitiu o primeiro gol do adversário.

O mau estado do terreno, impróprio para a prática do bom futebol, prejudicou tanto uma, como outra equipas.

Pedimos-lhe para que distinguisse os colegas mais salientes no desenvolvimento do jogo, ao que o popular Né, nos respondeu:

— «Sem desprimir para os restantes, saliento Serralha, na defesa e Raul, José Luís e José Paulo no ataque.

E tu, como consideras o teu trabalho?

— «Como actuação normal, respondeu-nos sem hesitações. A equipa tem projectos para o futuro?

Reflectindo, Redol, diz-nos de seguida:

— «Se a equipa se normalizar, poderá vir a subir na classificação.

Os desaires que tem sofrido, muito têm contribuído para a modesta posição em que se encontra.

Vontade não falta à «rapaziada», pois se com esta qualidade se ganhassem jogos o C. D. M. sairia sempre vencedor. Muitas vezes, porém, as coisas não correm pelo melhor e quando precisávamos do incitamento dos adeptos, ouvimos, pelo contrário, apupos e apreciações que mais nos desmoralizam. O jogador, necessita de ser amparado, principalmente quando «carbura» mal.

Não respondemos, mas em consciência concordámos com o jovem futebolista.

Mudando de assunto, inquirimos do valor do conjunto Olhanense, obtendo a seguinte declaração:

— «Francamente gostei da equipa da linda vila algarvia. A turma dos olhanenses está em franco ascendente, cheia de pretensões que julgo conseguirão ver realizadas. Distingo no jogo de domingo passado: — Poeira, Angelo, Parra e Abade.

Para finalizar, perguntámos-lhe o que tinha sido a arbitragem, ao que nos disse:

— «Estou em situação difícil para apreciar a actuação do juiz da partida, supremo senhor do terreno. Todavia, acho que foi pouco criteriosa, pendendo para os donos da casa, coisa, aliás, já habitual, nas andanças futebolísticas.»

Agradecemos ao simpático «Né» as suas declarações que alinhavámos, como pudemos, a fim de criar no espírito do leitor uma ligeira impressão de mais um jogo para o Campeonato Nacional da II Divisão.

José Canarim

Concurso de Prognósticos de Futebol

Uma semana de calma em que um só concorrente o Sr. **António Joaquim Lucas Catita**, de Montijo, ganhou o prémio de 300\$00 em compras, acertando em 13 resultados.

Prémio desta semana

Para o concorrente que acerte em maior número de resultados (exceptuando todos os resultados).

300\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado.

E ainda mais 2 prémios Ao concorrente que acerte em todos os resultados 1.000\$00

Em compras, em estabelecimento à escolha do contemplado.

E

Prémio extra

Se fôr sócio do Ateneu Popular de Montijo terá mais o seguinte prémio: Uma viagem a Espanha em auto-carro, no próximo mês de Abril de 1956 (passaporte incluído).

Cada leitor pode concorrer com qualquer número de prognósticos.

O prémio desta semana será entregue a partir de 5.ª-feira, dia 26.

Enviar os prognósticos até às 12 horas de Domingo.

E, agora vamos pensando na 2.ª fase do Grande Concurso. Nas próximas semanas daremos as primeiras indicações do que vai ser a *Galeria dos ases do futebol montijense* (2.ª fase do Concurso de Prognóst.)

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o

CUPÃO N.º 16

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Leixões	Espinho	Portaleg.	Elvas
Chaves	Peniche	Arroios	Coruchense
Leões	Guimarães	Montijo	Estoril
Vianense	Salgueiros	Farense	Olhanense
Tirsense	Gil Vicente	Oriental	Olivais
Sanjoanense	U. Coimbra	Beja	Juventude
Viseu	Boavista	Montemor	Portimon.

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 16

A semana histórica

Património Imortal

(Continuação da primeira página)

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

JANEIRO

Dia 1—1688—Morre Salvador Correia de Sá e Benevides, que libertou Angola dos Holandeses.

Dia 2—1606—Fôrças portuguesas comandadas por Jorge de Melo, atacaram a fortaleza de Couvão.

Dia 3—1510—Morre no ataque a Calicut, D. Fernando Coutinho.

Dia 4—1248—Morre, em Toledo, El-rei D. Sancho II.

Dia 5—1514 Nuno Fernandes de Ataíde toma aos mouros Tedvest.

Dia 6—1500—Colocação da primeira pedra para o Mosteiro dos Jerónimos.

Dia 7—1325—Morre El-Rei D. Dinis, o Lavrador.

Dia 8—1896—Morre em Lourenço Marques, o Major Alfredo Augusto Caldas Xavier.

Dia 9—1753—Nasce em Setúbal, a cantora Luisa Todi.

Dia 10—1753—Morre em Olinda, o português João Fernandes Vieira.

Dia 11—1896—Morre o poeta João de Deus.

Dia 12—1890—Morre o escritor Júlio César Machado.

Dia 13—1400—Nasce o Infante D. João, filho de El-Rei D. João I.

lina, de imponentes dimensões.

Houve, pois, e por este motivo, que estudar também os necessários enquadramentos, para que dos objectos expostos não resultassem disparidades no conjunto, que prejudicariam, sem dúvida a beleza daquelas obras maravilhosas.

Tudo isto e o mais que se conhecia através dos jornais, gerou á volta da exposição uma auréola digna de ser observada ou escutada por todos aqueles que de perto se interessam por estas questões de Arte.

Havia, pois, para nós portugueses, especial interesse em ouvir alguém que documentasse em pormenor aquilo que já foi considerado como a mais audaciosa exposição dum povo no domínio do seu património artístico.

A pessoa indicada para tal fazer, já pelo seu elevado prestígio, já pela posição que ocupou como presidente da comissão organizadora, era sem dúvida, o notável Professor Doutor Reynaldo dos Santos.

A conferência levada a efeito por este ilustre homem de ciência, no passado dia 12, no Museu Nacional de Arte Antiga, constitui, sob todos os aspectos, uma preciosa lição. Na verdade, não se pode ser mais eloquente nem mais preciso. Fazendo projectar as principais imagens de semelhante exposição, ele demonstrou, a par

e passo toda a sua grandeza, salientando o valor e o significado de cada quadro, retábulo, ou ainda de cada peça de escultura, de ourivesaria, de tapeçaria, etc., ali reunidos, em citações certas, atraentes, singularmente fulgurantes.

Foi, na verdade, um êxito extraordinário o desta conferência e por ela se pode ajuizar, de certo modo, o que teria sido o da própria exposição. Para sermos mais precisos, citaremos o número de visitantes que á data das declarações do Professor Reynaldo dos Santos, andava á roda dos 45.000. Como interesse do povo Inglês, que nos problemas da Arte tem demonstrado possuir invulgares conhecimentos, o número é deveras eloquente.

A Exposição de Arte Portuguesa serviu com efeito, para mostrar ao mundo e em especial aos ingleses, o nosso mais rico património artístico, e serviu também para esclarecer a opinião crítica mundial de que a Arte Portuguesa em si é uma realidade que muitos julgavam inexistente.

Longe de influências estranhas, ela tem uma espiritualidade, digamos assim, que a define e classifica como coisa impar nos anais das escolas mais representativas das diferentes épocas...

É evidente que uma colecção de valores como a exposta na *Royal Academy* não teria sido possível levar

a efeito sem o auxílio directo do Governo. Ele foi o esteio poderoso desta grandiosa iniciativa que fica, nos anais da história da Arte das duas nações aliadas, como marco mais representativo duma amizade multiseccular.

A crítica inglesa, ciosa em prodigalizar elogios, rendeu-se totalmente ante as maravilhas apresentadas.

Alguns espécimes, tais como o tríptico de Nuno Gonçalves, a custódia de Belém e Cristo na cruz, foram considerados como verdadeiras obras-primas de projecção universal.

Oxalá, tal como sublinhou o Professor Reynaldo dos Santos, ao encerrar a sua magnífica conferência, que esta exposição tenha a particularidade de despertar, nos espíritos competentes, a criação da obra reveladora do carácter da Arte Portuguesa e da sua influência para o progresso da própria civilização.

Não serão por demais os louvores que se derem aos homens que tiveram sobre os seus ombros a pesada tarefa de tão grande empreendimento. Da sua acção e dos seus esforços algo ficou a perpetuar a grandeza duma Nação que após 8 séculos de história, continua a iluminar o mundo com a beleza da sua arte e a inteligência da sua gente.

Álvaro Pereira

Gabinete de leitura

Jornal de Barcelos—Proficientemente dirigido pelo Rev.º Padre Alberto da Rocha Martins, entrou no 7.º ano de publicação este conceituado colega que se publica na linda vila de Barcelos.

O Odemirense—No dia 1 do corrente, atingiu o 1.º ano de existência o nosso prezado colega da alentejana vila de Odemira, quinzenário dirigido com todo o saber pelo Sr. Alberto José de Almeida.

A Voz da Figueira—Mais um ano de existência comemorou no dia 29 de Dezembro p.p. este brilhante colega que vê a luz da publicidade na encantadora praia da Figueira, dirigido com dinamismo por Miguel da Mota Veiga Gaspar.

O Desforço—Dirigido com carinho pela Ex.ª Sr.ª D. Isaura Lusitana Pinto Bastos festejou o seu 6.º aniversário, este amigo semanário de Fafe.

Democracia do Sul—O velho diário eborense, sob a direcção do Dr. João Leitão da Silva, festejou também mais um aniversário.

Praia do Sol—Este órgão de propaganda do concelho de Almada, está também em festa pela passagem do seu 7.º aniversário.

«A Província» felicita com simpatia todos os jornais em festa pela passagem dos seus aniversários, fazendo votos por longa e desafogada vida.

MOBILOIL

O lubrificante dos campeões

AGENTES EXCLUSIVOS

Tamarca, L.ª

Telef. 026 152 MONTIJO

Fotofilme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Belhão Pato, 11 - MONTIJO



Representante em MONTIJO
ABEL JUSTINIANO VENTURA

José Teodósio da Silva

(Herdade)

Fábrica fundada em 1906 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

8-Rua Formosa 8-Telef. 026.01 Montijo

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Folhetim de «A Província»

N.º 39

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

—Pareceu-me ouvir um barulho—disse eea.

Escutámos anciosos algum tempo, mas não ouvimos nada.

—Pareceram-me passos—disse a jovem—passos trémulos, como os de um velho...

Um longo silêncio reinou de novo:

—Tenho qualquer coisa para vos dizer—pronunciou ela por fim. Mais que uma vez me perguntou porque vim a *Falcon Castle*. Esperava que o fim da minha visita ficasse para sempre

desconhecida... mas vejo que é necessário confessar-lhe o meu segredo.

Sem responder, aproximei-me mais da jovem.

—Mas vou preveni-lo—murmurou, a verdade não é nada bela!...

CAPITULO XI

Em que finalmente, uma ponta do véu se começa a levantar...

Lucille Paradene tinha razão. A verdade não era nada bela, e a pessoa por quem eu senti, escutando a sua triste narrativa, uma

enorme simpatia, foi a própria Lucille.

Ela começou por mencionar o nome de John Paradene, o que me fez aguçar a curiosidade.

—Não é certamente Lord Paradene, membro do Parlamento?—perguntei porque conhecia um pouco da sua enorme reputação.

Todos o elogiavam. Tinha feito parte do Gabinete, por duas vezes, e nos ciclos bem informados, designavam-no como o futuro chefe do seu partido. Diziam-no enormemente rico, e entrara na vida pública pelos motivos mais nobres.

—Se é deste John Paradene que me fala...

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça.

É meu pai—disse tranquilamente e continuou—Está lembrado do esdândalo Melmoth, que tanto barulho fez, há dois anos?...

Estava nessa época na Irlanda—respondi—mas os jornais falavam bastante no caso.

Se bem que não me lembre já dos pormenores, tenho bem presente as principais ocorrências.

Claudette Melmoth, uma mulher de vida bastante duvidosa, suicidou-se num hotel, de Paris, e um membro do governo de um estado continental, achava-se comprometido no assunto, e havia pedido a demissão.

A mulher, parece, levava uma existência misteriosa.

Recordo-me agora de um facto que me parece importante. A voz pública dava igualmente esta mulher como amiga de um político inglês bem conhecido, mas do qual se não revelava o nome para evitar o escândalo.

Era Sir Jonh Paradene?...

Percebi que Lucille que ria continuar a narrativa Esperei pois.

Já vos disse que a verdade é muito triste—continuou ela—Há bem dez anos, Claudette Melmoth vivia na Riviera. Seu protector era Félix Swinburn. Meu pai, que a conhecia, impressionado pela vida que ela levava, começou a sentir um vivo sentimento de piedade e acabou por se prender aquela perturbante mulher. Reparai que ele era então bastante novo. Tinha somente trinta anos. Rico e levando uma vida faustosa e fácil, escreveu a essa Claudette cartas ridiculamente passionais. Chegou mesmo ao ponto a querer desposar, mas depressa reconheceu o seu erro.

(Continua)

A PROVINCIA

APRESENTA: TEATRO - CINEMA

Vasco Santana

Dentre a escassa pleiade de artistas cómicos do nosso teatro, podemos afirmar que Vasco Santana é o maior actor do género, tanto no teatro em geral, como no cinema ou ainda na rádio. No entanto, o célebre criador de «O meu menino» e do diálogo «O Zéquinhas e a Lélé» que deu a volta a Portugal não se destinava ao teatro mas sim às Belas Artes. Um conjunto de circunstâncias encaminharam-no para a cena. Simplesmente a falta do «compère» Artur Rodrigues, por motivo de doença quando em 1917 se representava a revista de grande sucesso nesse tempo, no Teatro Avenida onde seu pai, o malgrado addressista Henrique Santana trabalhava, e por esse facto, como seu filho assistia todas as noites à representação, acabara por saber o papel de cór, o empresário Armando de Vasconcelos resolvera mandar alguns amigos procurar Vasco Santana quando se dirigia à Praça do Campo Pequeno para assistir a uma corrida de touros em que toureava Galito de quem Vasco era admirador.

Após esta estreia um pouco movimentada porque *Vasquinho* não queria nem à mão de Deus padre trocar as delícias desse espectáculo tauromáquico pelo trabalho no palco do Avenida, as suas actuações sucederam-se sempre com êxito crescente, tanto no teatro ligeiro, como no declamado e hoje podemos dizer que ele é a glória do nosso Teatro.

Vasco é não só um artista consumado e consagrado, mas também um revisteiro emérito, um excelente traductor e adaptador de obras estrangeiras. A todos os seus



papeis ele empresta o melhor do seu talento, da sua *verve* inimitável e do seu saber. Enfim, Vasco Santana é um Mestre da cena portuguesa a qual muito lhe deve. Além disso, é uma pessoa acessível, de bom carácter e afável para todos.

Seria difícil citar neste curto artigo todos os êxitos do artista, tão numerosos eles são. Ao acaso, mencionaremos: «O meu menino», «Alto lá com o charuto», «E de gritos», «Loja do Povo», «Santo António», «Coração de Alfama», «Colete Encarnado» e «Invasão» — isto no teatro ligeiro. No declamado, citaremos apenas: «O amor perfeito» e «Três rapazes e uma rapariga» como pedras de toque do seu talento inconfundível, pois Vasco Santana apesar de grande actor cómico em rábulas que na sua mão são grandes papeis, também sabe emocionar e nestas duas comédias dramáticas ele atinge as raízes do verdadeiro drama perfeito, em toda a acepção da palavra.

No cinema e na rádio é igual.

O seu talento imenso valeu-lhe a consagração oficial, através da imposição que o Governo lhe fez ao atribuir a Vasco Santana a Ordem de Santiago da Espada acto esse que ele me contou com a maior das simplicidades, como se tal facto fosse coisa natural e acessível a qualquer artista que o não seja com a grande com é o seu caso.

Aplaudido não sómente pelo público do Continente, Vasco tem também recebido a consagração das plateias do Brasil, da Africa e das Ilhas.

Em meu entender e na opinião de muitos dos seus colegas que o estimam e admiram, Vasco Santana, o popular actor do riso e da emoção é um grande artista à cabeça de qualquer cartaz em qualquer dos maiores teatros do mundo.



ALMA FLORA

Alma Flora, a artista Brasileira que pela primeira vez vimos em Lisboa integrada na Companhia Brasileira de Comédias é uma artista conscienciosa que arrebatou os públicos mais exigentes de todas as plateias. Estreou-se em 1930 no Teatro Municipal, de Niteroy (Brasil), na peça de grande sucesso «O chauffeur milionário», do célebre escritor brasileiro Celestino Silva.

Em Portugal, vimo-la, pela primeira vez no drama «O divorcio» que lhe valeu largos elogios da nossa crítica. Contudo, os seus êxitos contam-se às dezenas. Damos ao acaso alguns dos principais para mostrar ao leitor que acaso não esteja bem ao corrente de quanto vale Alma Flora. Mas quem não conhece Alma Flora, a artista brasileira que conquistou o coração dos portugueses e fixou a sua morada em Lisboa como preito de gratidão a corresponder a essa estima que o nosso público lhe dedica! São eles os seguintes: «Deusa de todos nós», «Bontempelli», «Seremos sempre crianças», de Pascoal Carlos Magno, «Vila Rica», de Raimundo Magalhães Júnior, «Corda de Prata», de Luz Cardoso e «O divorcio», da autora inglesa Clarence Dane, em tradução brasileira da actriz da mesma nacionalidade Bibi Ferreira. Nesta peça Alma Flora contracenou com o grande Procópio Ferreira que já actuou entre nós. Alma Flora traz consigo dois grandes valores: o da sua própria arte e a medalha de ouro que lhe foi conferida em 1947 pela Associação dos Críticos Teatrais Brasileiros, como prémio do seu talento maravilhoso.

HOLLYWOOD

A qualquer pessoa que ande arredada da cinematografia, certamente que esta palavra nada dirá.

Mas se por acaso se tratar de algum cinéfilo, esse, sabe de antemão, que Hollywood quer dizer cinema, a fonte donde brota a maioria dos filmes que enchem de movimento e cor as telas das salas escuras.

E se cinema é Arte, a sétima, dele vivem — e muito bem, alguns — milhares de pessoas, que como é natural enxameiam a supracitada Hollywood.

Creio mesmo, que a principal razão da existência desta cidade, e do incremento extraordinário que a tornou uma das mais prósperas e famosas da América do Norte, foi e é, o cinema.

Lá residem, nas suas principais vivendas, centenas de artistas que fazem de Hollywood uma cidade única, extravagante e fabulosa, dado que eles, diferentes dos restantes seres, têm atitudes e caprichos bizarros que satisfazem, lá, principalmente, visto que os seus ordenados nabadescos o permitem; das formas mais mirabolantes.

E já é de todos sobejamente conhecida a maneira espalhafatosa e até por vezes imoral, segundo a opinião das várias ligas moralistas americanas de «reclamar» uma nova artista ou um novo astro.

Tudo é trazido a lume na chamada biografia desses novos reis da tela.

Tudo o que fizeram e não fizeram, mas que os agentes encarregados da publicidade, e conhecedores de todos os truques, julgam susceptível de interessar ou comover o público, é contado com minúcias que o cinéfilo devora com inusitada atenção.

Os seus gostos, as suas birras, as suas predilecções, o nome do cão talismã e até quantas malhas caíram em cada par de meias que cobriram as pernas de uma «diva» célebre; já do tempo do «Mudo», e que hoje fazem parte da colecção de antiguidades de um admirador faccioso.

Coisas incríveis acontecem nesta cidade estranha, considerada

mesmo na América, um caso único.

Os seus escandalozinhos, ou as chamadas crónicas de má-lingua, alimentam a curiosidade de milha-

res de leitores das revistas da especialidade, crónicas assinadas por porfissionais dessas coisas, cuja, pena é temida pelos astros, tanto ou mais que a pateada dum filme.

E as especulações feitas á volta dos casos sentimentais de cada estrela ou astro; os cronistas apontam-lhes tantos noivos ou noivas, quantas as pessoas que os acompanham nos diversos dias do ano, descrevem-lhes as atitudes, lêem-lhes nos olhos aquilo que nem de longe os pobres pensam, e quando menos se espera, lá estão casados, os pombinhos, que fogem da cidade, incomodam um padre às duas horas da madrugada, e lá vão, para a viagem de nupcias, não sem terem telefonado antes, a qualquer jornalista, que no outro dia fará um artigo na primeira página de qualquer revista, com repercussão por todo o Globo terráqueo, afirmando aos quatro ventos que aquilo é amor, amor à primeira vista, porquanto os noivos tinham travado conhecimento apenas há duas horas, num cocktail em casa de Miss...

Não só artistas americanos lá vivem, de todos os países os maiores valores lá vão desaguar infalivelmente, tentados pelas propostas chorudas dos magnates de Hollywood.

Artistas casados três e quatro vezes, pupulam, tal a facilidade com que são obtidos os divorcíos.

Basta que os contraentes invoquem a já tradicional «crueldade mental» ou outras razões tão inverosímeis quanto esta, para que o Juiz conceda o divorcio, á volta do qual se faz estrondosa publicidade.

Os actuais maridos das vedetas são grandes amigos dos anteriores, os filhos não chegam a ter tempo de conhecer os maridos das mães, tal a velocidade com que estes entram e saem da vida conjugal das rainhas da tela, do glamour, ou do sex-appeal, cognomes altissonantes com que os fans as mimoseiam.

Nada nos pode já admirar, nem que uma estrela depois de pedir o divorcio, volte a casar, semanas após, com o ex-marido.

Hollywood é assim!

Mário Martins



Uma pin-up-girl das muitas que Hollywood tem exportado para a Europa.

Página

de

Luís Bonifácio e
Aníbal Anjos

ODETE SANTIAGO



«A PROVINCIA» tem uma simpatia muito especial pelos nossos artistas da Rádio. Por isso resolveu abordar a jovem soprano lírico Odete Santiago que se estreou este ano, no programa «Passatempo Musical» na E. N.

Odete Santiago, parece-nos um caso aparte sob o ponto de vista psicológico e dramático. Dentro do seu cérebro há uma luta tremenda que se reflete nos seus nervos, os quais necessitavam ser dominados. No seu olhar há uma

profundidade que ela não vê. O caso é este: desabrochou há pouco e tem medo de não ser compreendida. Pensa em voos largos e adorava, certamente, cantar o «Lieder». E essa luta que se agita no seu cérebro de 23 anos.

Não entrevistámos Odete Santiago. Conversámos uns instantes sobre a sua vida, tendo-nos dito que dentro de pouco tempo vai casar. E por que não? Não é esta a maior ambição da mulher? Mas... continuará a cantar. Sonha ir ao Brasil, a Espanha e talvez a Africa. Em segredo diz-nos que o seu futuro noivo é um óptimo colaborador e ainda bem para que não seja desviada da estrada de S. Tiago.

Odete envia para o eter canções em italiano, inglês e espanhol com a mesma facilidade com que estivesse cantando em língua portuguesa. Deve este pormenor à sua professora D. Mariana Bonito de Oliveira, que fez dela uma esplêndida soprano lírico.

Sobre o êxito das suas actuações não merece a pena falar. Toda a gente a ouviu na «Parada de Êxitos» e nos programas de Cruz e Sousa, em Rádio Clube Português e Rádio Graça.

Esta artista que é natural de S. Tiago do Cacem — lindíssima vila a 135 quilómetros de Lisboa — tem todas as possibilidades de vencer, na nossa Rádio.